

08-03-2023

Carnaval é trabalho: Reflexões sobre o processo de trabalho, diversão e luta de classes

Isis Ferraz de Moura

[Portelense. Discente do PPGSS/UERJ.
Mestre em Educação Profissional em Saúde]

Ah, o Carnaval! Para os/as apaixonados/as, a frase contida no samba da GRES Unidos do **Viradouro** “*Carnaval, te amo!*” é mais que um verso, é uma declaração de amor!

A frase do samba da GRES **Portela**, “*o céu de Madureira é mais bonito, te amo, Portela, além do infinito*”, é mais que uma representação do amor, é identidade! Esta é a fase do ano que mais consigo abstrair. Aproveito cada momento, cada toque de agogô, cada fantasia, cada chuva de confete e serpentina, pois, para mim, não é terapia, mas é terapêutico.

Como profissional da Saúde do Trabalhador, é impossível, mesmo com toda a minha paixão pelo Carnaval, não refletir sobre as relações de exploração nos processos de trabalho em preparação para a folia momesca. Fazer carnaval também é trabalho, e, assim como para alguns profissionais de saúde, “garantir” o acesso à promoção, prevenção e vigilância em Saúde do Trabalhador, às vezes, se torna “sacerdócio”.

Botar o bloco na rua é questão de honra. Afinal, um trabalho que acontece em condições estruturais e objetivas desfavoráveis também pode adoecer! Isto porque para trabalhadores/as do Carnaval também são oferecidos paliativos para que se mantenham aptos para realizar suas atividades diárias, sem cuidarem realmente de sua saúde.

Como acontece com a maioria dos programas de “qualidade de vida no trabalho” que em nada transformam as relações e condições em que podem adoecer, ou, de fato, adoecem ...

E se o trabalhador adoecer, vem outro em seu lugar!

Faço aqui a menção a um texto, que li recentemente, que expressa bem a complexidade das relações envolvidas na festa: *O fenômeno do carnaval se afigura de especial importância não apenas para entendimento das interações entre Estado, mercado e sociedade, como também para apontar os nexos que articulam a cultura e a política, a mídia e o poder público, o lúdico e o comercial, a indústria cultural e a arte popular, o turismo e o patrimônio cultural, numa palavra, o público e o privado no Brasil hoje* (Hollanda, 2013, p. 100).

Para exemplificar, certa vez participei de um mutirão para ajudar escolas de samba que tiveram seus barracões incendiados. Observei que trabalhadores/as, em nome do amor pela escola e pelo Carnaval, trabalhavam mais de 12 horas diárias sem remuneração de horas extras e/ou qualquer tipo de segurança. Algumas escolas ofereciam um lanche de pão com mortadela e outras nem isso.

Alguns/as trabalhadores/as perceberam que outras escolas remuneravam melhor e se preocupavam com a segurança dos barracões. Esses/as, logo se reuniram com outros/as e “viravam a casaca”. Ficavam entre a fama de “traidores/as” e a dificuldade de, talvez, não conseguir emprego no próximo ano e o direito de cuidar da saúde e levar remuneração um pouco mais justa para a família. O trabalho é uma atividade que constitui identidade de vida. A psicodinâmica do trabalho identifica sutilezas nas formas de controlar a subjetividade através de estratégias de reconhecimento. É possível, no entanto, que processos de reconhecimento também possam se constituir em estratégias de alienação. *Portanto, o espaço ocupacional constitui-se enquanto um espaço que vai além de venda da força de trabalho em busca de remuneração para a sobrevivência do sujeito. É nesse espaço que ocorrem processos de reconhecimento, gratificação, mobilização da inteligência, da criatividade, entre outros, os quais estão intimamente relacionados ao sentido que o trabalho adquire para aquele que o desempenha* (Caron; Horst; Soboll, 2013, p. 103).

Eu não sei se existe sindicato de trabalhadores do Carnaval. Está aí, hein?! Por enquanto, só conheço o “*Discípulos de Oswaldo*” um bloco organizado pelo Sindicato de Trabalhadores da Fiocruz (a Asfoc). Se esse enredo embala ... Quem sabe...: “*Trabalhadores do mundo inteiro, uni-vos. GRES da Classe trabalhadora.*” Tá bom, eu abro mão do azul e branco pra ser vermelho... Contanto que não se abra mão da remuneração de horas extras, do descanso, das férias, da carteira assinada e do direito a participar da folia. Só para lembrar: o Carnaval é feito pelos/as trabalhadores/as que, na maioria das vezes, não conseguem participar dos megaeventos que eles/as mesmo constroem.

**Não quero aqui de modo algum condenar nossa
diversão, por isso: salve a folia!!!**

Que a gente se divirta, mas sigamos firmes!

**O Carnaval acaba na Quarta-Feira de Cinzas,
mas a luta de classes extrapola a folia!!!**

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.